

5. Considerações finais

Este trabalho buscou trazer uma contribuição em relação à extração automática de palavras-chave em textos de língua portuguesa, com o objetivo de uso dos itens lexicais identificados em atividades de ensino, em contexto de professores de língua portuguesa em nível não acadêmico.

Embora haja programas disponíveis para a tarefa, há a problemática de que tais ferramentas ainda são restritas ao meio acadêmico, requerendo conhecimentos específicos e muitas vezes na área de matemática (estatística), e de que a coleta de *corpora* de referência para serem utilizados como base de comparação em tais ferramentas exige grande esforço e tempo. Tais aspectos inviabilizam o aproveitamento da instrumentação de análise *corpora* apresentada neste estudo a professores de língua portuguesa em geral.

Como alternativa, o estudo propôs a adaptação de determinadas funcionalidades existentes em programas de análise de texto e *corpora* para a criação de uma ferramenta *online* funcional e acessível a um público maior. Nele, foram levantados critérios para a filtragem dos resultados obtidos por meio da fórmula *log-likelihood*, os quais são possíveis de serem implementados para um melhor desempenho da ferramenta a ser disponibilizada.

Espera-se que o produto final proposto pelo presente trabalho contribua de modo prático, tornando-se útil para professores de língua portuguesa no processo de elaboração de materiais didáticos que privilegiem a língua em uso.

6. Referências bibliográficas

- Berber Sardinha, Tony. (2004) *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole
- Berber Sardinha, Tony. (2005) 'Como encontrar as palavras-chave mais importantes de um corpus com WordSmith tools' in DELTA Vol.21, nº. 2, 237-250.
- Flowerdew, John. (1993) 'Concordancing as a tool in course design' in System Vol. 21(2), 231-244.
- Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Linguística Informática (2013), "Kitconc" Página consultada em 10 de setembro de 2013 <<http://www.fflch.usp.br/dl/li/x/?p=435>>
- Mike Scott's Web (2013), "Wordsmith tools". Página consultada em 10 de setembro de 2013, <<http://www.lexically.net/wordsmith>>
- Moreira Filho, José Lopes. (2007) "Desenvolvimento de um software para preparação semiautomática de atividades de leitura em inglês". Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.

Scientific American Brasil (2013), "Minúsculos e Poderosos", Página consultada em 3 de setembro de 2013,

<http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/minusculos_e_poderosos.html>

Scott, Mike. (1998). 'Focusing on the Text and Its Key Words' in TALC 98 Proceedings, ed. C. Stephens, Oxford: Humanities Computing Unit, Oxford University, 152-164.

UCREL Home Page "Log-likelihood calculator", Página consultada em 10 de setembro de 2013, <<http://ucrel.lancs.ac.uk/llwizard.html>>

31. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR
COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE
SETÚBAL, PORTUGAL luciano.pereira@ese.ips.pt,

TEMA 1.3. CONTRIBUTOS MITRÍACOS NO CULTO DO DIVINO
ESPÍRITO SANTO E ALGUMAS DAS SUAS EXPRESSÕES NA
LITERATURA TRADICIONAL, LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR
COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO,
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

0. Sinopse

Foi no século terceiro que o Império romano viveu o maior confronto da sua história religiosa. Por um lado, um cristianismo em formação, caracterizando-se por um conjunto de correntes oriundas dos pensamentos mais espirituais e místicos de sincretismos religiosos, orientais, helênicos, e judaicos mas impiedosamente perseguido por excluir a doutrina religiosa imperial; e por outro um mitraísmo, oriundo das mais antigas crenças da humanidade, formadas nos grandes deltas da Mesopotâmia, disseminado de oriente para ocidente, do Mediterrâneo até ao Norte do Atlântico, celebrando a alegria de viver, da fertilidade e da fecundidade, promessa de fartura eterna, disciplinadamente organizado, quase à imagem da estrutura militar romana, fortemente hierarquizado, solidário, repleto de secretismos e gozando de uma especial simpatia imperial. Abundantes são os seus vestígios em Itália, Roménia, na Gália, na Península Ibérica, ...

António Maria Romeiro Carvalho, em 2009, evoca uma versão da Bicha das sete cabeças e outra de Pedro e Pedrito para evocar a força mágica e divina da aspersão sanguínea e vivificante do deus vivo, especialmente na sua forma taurina: "As fadas disseram a Pedro que só com o sangue dele derramado sobre o Pedrito o podia tornar em homem (...)" (Coelho, 1995, 232). Pessoalmente, não posso deixar de evocar o inequívoco Mithraeum, achado junto de um templo protocristão, na

península de Troia e precisamente datado do século terceiro depois de Cristo, com abundantes vestígios de sincretismo religioso (Jalhay, 1948).

A maior parte dos movimentos milenaristas recuperam antigos pensamentos sincréticos orientais e ocidentais, aspirando a uma religião cósmica, de despojamento e de amor, de vida comunitária e asceta, de solidariedade e de comunhão.

Neles se inscreve a devoção ao Espírito Santo, que se afirmou em Portugal pela vontade da Rainha Santa Isabel, sobrinha-neta de Isabel de Hungria ou da Turíngia, a quem se atribui o mesmo milagre das rosas operado pela Rainha Santa, devoção ainda hoje tão viva nas ilhas açorianas e, em particular, na ilha Terceira. Neles, tomou forma o pensamento de São Francisco que doou a sua vida pela vida do próprio Divino, fundando assim a Ordem Terceira franciscana.

1. Introdução

Os primeiros testemunhos das celebrações religiosas do Divino Espírito Santo remontam ao século XIV. Terão sido exclusivamente realizadas em Portugal, e inseriam-se num conjunto de ritos alimentares que eram apanágio de algumas confrarias medievais. As celebrações ao Divino estruturavam-se em torno de banquetes coletivos apelidados de “bodo aos pobres”, para além da comida proporcionavam outros tipos de esmola, nomeadamente financeira.

Assunto muito acarinhado pelo professor Agostinho da Silva por se inscrever numa linha de pensamento filosófico e místico, que concebia a História de Portugal como a História de um Quinto Império, utopia de um espaço intercontinental, de uma sociedade multiétnica, onde reinariam a solidariedade, os poderes dos mais fracos, dos mais pobres, dos mais simples, dos doentes e das crianças. Existem referências históricas que indicam que tais celebrações terão sido instituídas, em 1321, pelo convento franciscano de Alenquer sob o impulso e proteção da Rainha Santa Isabel de Portugal e Aragão, sobrinha-neta de Isabel de Hungria a quem atribuem características religiosas e humanas muito semelhantes, relatando que teriam operado o mesmo milagre das rosas.

A Rainha teria prometido honrar e divulgar o culto ao Divino Espírito Santo, todo ao longo da sua vida, o que representaria um verdadeiro voto de pobreza, uma peregrinação constante, enquanto leiga mendicante, em favor da população pobre. Era a singela promessa de uma mãe e de uma esposa desesperada, em troca da paz entre o seu marido e o seu filho legítimo, D. Afonso, herdeiro legítimo do trono. D. Isabel não se conformava com o

confronto entre pai e filho uma vez que era desejo do Rei que, após sua morte, a coroa passasse para seu filho bastardo, Afonso Sanches. A Rainha ter-se-á deslocado até ao campo de batalha para interceder junto do marido e do filho, evitando assim um conflito armado que antecipava um fim trágico e doloroso para ela e para a nação.

As celebrações tinham lugar cinquenta dias após a Páscoa, comemorando-se, assim, de forma enfática, o dia de Pentecostes, dia em que o Espírito Santo desceu do céu sobre os apóstolos, em forma de línguas de fogo, segundo rezam os Evangelhos. Deste modo, os festejos do Divino coincidem com a época das primeiras colheitas e ficam associados a uma promessa de prosperidade e abundância para todos. Nesta esperança de um mundo novo não podemos deixar de ouvir os ecos dos sonhos igualitários propagados pelos joaquimistas e mais tarde por Francisco, que chega a chamar irmãos ao sol e à lua e às mais ínfimas criaturas da natureza. É, todavia, de salientar que São Francisco nunca proibiu o consumo da carne e tinha pelas refeições, em comum, uma estima muito profunda, como se da última ceia, se tratasse. A devoção ao Paracleto não incendiou apenas as almas ávidas de alimento e conforto, encontrou um conjunto de almas desejosas de conquistar um espaço eterno junto de Deus pela obra e graça do Divino Espírito Santo. Em Portugal, o culto do Divino encontrou o espaço adequado para ser levado pelos mares, para ilhas e continentes, fazendo do arquipélago dos Açores a capital do seu Império.

2. O Culto do Espírito Santo nos Açores

O Culto do Espírito Santo, nos Açores, oferece ao homem comum a oportunidade de conquistar a sua salvação pelo respeito aos seus três valores fundamentais: a “Fraternidade”, a “Igualdade” e a “Caridade”. Inspirado no ideal franciscano e nos pensamentos do século XII, atribuídos a Joaquim de Fiore, aprofundou a dimensão social e ritual que a Rainha Santa Isabel lhe sonhou no Continente.

A sua consolidação, graças ao seu contexto socioeconómico, às adversidades da natureza, e às extremas dificuldades que apresentam quaisquer movimentos de povoação e de colonização, permitiu a recuperação de rituais que já se realizavam há mais de três ou quatro mil anos, dirigindo-se a Espíritos da natureza, procedendo à sacralização de uma lexicologia de âmbito alimentar, comum a múltiplas culturas Europeias. Mitos e símbolos, estruturam-se em torno da partilha e da ingestão ritualizada de determinados alimentos: cereais, vinho e carne, representando, cada um deles, um conjunto de características dos espíritos ou do Espírito invocado: Deméter, Diana e Dionísio, os três deuses clássicos ligados à natureza, e em particular à vegetação (Dionísio, cujo símbolo

principal é o vinho, por vezes, também surge representado pelo touro, animal sagrado em várias culturas e tempos) Lembremo-nos apenas de Ísis, Osíris e Astarte. A oferta simbólica das primeiras colheitas, dos primeiros frutos e dos primeiros animais, aos deuses da natureza, é sintomática no modelo Açoriano. Constituem a parte mais antiga dos rituais e tomam verdadeiras proporções colossais em refeições cerimoniais que congregam mais de um milhar de pessoas. No centro do cerimonial reside a festa, o bodo é a sua concretização e as crenças relacionadas com o Bezerro do Espírito Santo, o seu coração mais íntimo e secreto.

O Culto açoriano que se prolonga durante sete dias foca-se sobre dois momentos de grande intensidade: o bodo e a “Coroação”. A Refeição Cerimonial terá por origem, quer a tradição das festas agrárias Europeias, já referidas, quer as ideias de igualdade de Fiore ou, mais precisamente, esses dois modelos, que mais não são outra coisa do que duas fases do desenvolvimento do mesmo arquétipo de comunhão social e cósmica. A Coroação perpetua o magnânimo gesto dos reis de Portugal, Isabel e Diniz (século XIII), ao descobrirem-se a cabeça e coroarem um pobre, no misticismo da Igreja de Alenquer. Terá sido assim instituído o modelo do Culto “Imperial”, considerado como a origem do Culto Açoriano.

3. O touro, o mitraísmo e o Cristianismo

A referência literária mais antiga que associa o touro a um culto divino (culto solar) aparece na Epopeia de Gilgamesh. A deusa Ishtar, para vingar-se do herói, invoca ao deus-touro que, por sua vez, ordena ao touro celeste que invista contra aos homens de Gilgamesh. O touro celestial mata centenas dos seus homens. Enkidu tenta neutralizar o monstro numa pega falhada. Enkidu pega-lhe então pelo rabo e Gilgamesh pelos cornos, aplicando-lhe uma estacada junto da nuca. Após o sacrifício do touro, arrancaram-lhe o coração e ofereceram-no ao deus-sol para acalmar a sua cósmica ira. Desde então, Sol e touro não deixam de se confundir, ganhando cada vez maior importância, à medida que os cultos solares apontam para a sua supremacia divina, raiando traços monoteístas, como o será o caso no Egito. O touro tornou-se assim o animal sacrificial por excelência. Na Coroação do rei Salomão foram imolados 1000 touros. Na consagração do templo de Jerusalém foram imolados cerca de 22000. Imagine-se o sangue a escorrer pelas ruas, o cheiro da carniça, a festança da comida.

A primeira referência escrita ao culto mitríaco é de Plutarco e data do século I a.C. Afirma que os piratas cilícios cultuaram Mitra pelo menos até 67 a.C. O culto rapidamente se teria difundido até aos países do Danúbio e até à própria Itália. Os mais importantes adeptos do culto eram soldados,

embora a eles aderissem, com alguma facilidade, funcionários administrativos e comerciantes. Os fundamentos da religião mitríaca correspondiam aos da sociedade romana (disciplina, respeito pela hierarquia, valorização da promoção individual).

No culto de Mitra, uma das práticas iniciáticas mais importante consistia numa espécie de banho de sangue que, na maior parte das vezes, teria lugar no taurobólio. O sangue da vítima terá sempre desempenhado uma especial importância, sendo cuidadosamente recolhido para fazer parte de um posterior ato de comunhão. Tal sacrifício ficou registado em alguns frescos e pinturas. Parte do sangue também seria derramada nos campos com o intuito de os fecundar, induzindo todas as forças da Mãe Natureza. Nas representações referidas, também aparecem cães e serpentes, corvos e escorpiões. Às vezes, aparecem também leões e taças. Pensa-se que representariam, eventualmente, constelações: Cão, Hidra, Corvo, Escorpião, Leão, Cratera e Touro. As cenas poderiam representar diferentes ciclos astrológicos: o fim da Era do Touro marca o equinócio da primavera. Sacrificando o Touro, Mitra transforma o Universo inteiro, ato divino por excelência.

Segundo CARVALHO (2009), o sacrifício do touro representa o fim da era do Touro e o início da era do Carneiro. Os mitreios (grutas ou simples edifícios) seriam assim, simbolicamente, espaços celestiais onde se celebra o fim da era do Touro e o início da era do Carneiro. Estas grutas ou mitreios têm como modelo uma câmara retangular, com 25 m. x 10 m., com um teto arqueado. Um corredor divide-a ao meio, com bancos de pedra nos dois lados. Caberiam lá umas 20/30 pessoas. O mitreio dividia-se em três partes: a antecâmara, a sala referida, principal, chamada *spelaeum* ou *spelunc*, que por evolução semântica e conotação cristã, deu espelunca, casa porca e desarrumada; e o santuário, onde estavam as imagens e o altar. Os praticantes do culto partilhavam o pão, o vinho e a água; comia-se a carne do touro. O banquete seria o rito principal. O dia 25 de dezembro, seria um dos dias mais festivos, uma vez que, tal como acontece com outras divindades orientais, marcaria o nascimento da divindade. O domingo também seria o dia do Senhor.

A vivência religiosa seria encarada como uma «ascensão» composta de sete degraus: Corax (corvo - Mercúrio), o Membro encarregar-se-ia das tarefas mais básicas; Nymphus (esposo - Vénus), o Membro era esposa do deus; Miles (soldado), tais candidatos seriam irremediavelmente marcados a ferro quente; Leo (leão - Júpiter), os adeptos receberiam o batismo; Perses (persa - Lua); Heliodromus (mensageiro do sol), e Pater, chefe da comunidade, sob a proteção de Saturno. Tudo indica que não existiria uma carreira sacerdotal exclusiva.

O nascimento de Mitra é representado numa gruta, nu, com o barrete frígio. Nas pinturas e baixo relevos, o iniciador é sempre representado com o barrete frígio, posteriormente, também chamado barrete da liberdade. Era, primitivamente, utilizado pelos habitantes da Frigia (atual Turquia). Foram os sincretistas romanos que passaram a representar Mitra com o barrete frígio. Depois do nascimento, Mitra será visitado e adorado por pastores.

O mitraísmo conquistou Roma, até ao ponto de alguns dos seus imperadores se terem tornado seus devotos. No século III, gozava de uma ampla simpatia, por parte dos setores militares e imperiais, tornando-se, na prática, a sua religião oficial. Atingirá o seu auge com o Imperador Cómodo que se havia iniciado aos seus mistérios ainda que como simples patrício e não como Imperador. Diocleciano, Licínio e Galerio, no ano 307, declararam Mitra como o protetor do poder imperial. Resistirá, pelo menos até ao século IV d.C., tendo, posterior e rapidamente, ter declinado em favor do Cristianismo. Constantino, no início do século IV, dará liberdade de culto aos cristãos e Teodósio, em 413, proclamará o Cristianismo a religião oficial do Império Romano, proibindo a religião mitríaca, transformando, deste modo, perseguidos em perseguidores, condenando, deste modo, expressamente à morte todos os fiéis de Mitra.

A religião mitríaca fora acolhida, pela população de Roma, com especial entusiasmo. Foram localizados mais de 40 mitreios em Roma, calculando-se que fossem mais de 100. Em Ostia, haveria mais de 16. Tudo parece indicar que a grande difusão de mitreios se deu na segunda metade do século II. Tenha-se em conta que o mitreio de Mérida terá sido fundado em 155 d.C. O de Troia datará do século III. No mesmo local terá sido erguido um templo protocristão, datado do século terceiro ou inícios do século IV.

Os taurobólios espalharam-se e difundiram-se especialmente entre os anos 198 e 209, tendo-se interrompido por volta de 249. O culto mitríaco manteve-se em Roma até ao ano de 394, ainda que, desde 391, como foi dito, seja proibida qualquer religião que não o Cristianismo. Com o fim dos taurobólios públicos, expandiram-se os taurobólios privados, sobretudo no reinado de Juliano (361-363).

O mitraísmo torna-se uma religião de mártires, de povos resistentes ao Império e ao poder imperial, uma religião secreta e perseguida. Os seus textos escritos começam a rarear, mas a sua doutrina recupera a sua essência mais profunda, fundindo-se com outras formas de pensamentos, oriundas das mesmas raízes indo-europeias, constituindo gnoses, esoterismos e dissensões no próprio cristianismo.

4. A vaca e o touro no imaginário e lendas tradicionais

Ao longo da história, o cavalo e o boi (touro) representaram um original antagonismo entre dois tipos de sociedade, uma sedentária e pacífica e a outra, nómada e guerreira. São precisamente essas conotações que estão presentes em algumas das suas primeiras referências escritas, na Babilónia.

Os provérbios, os contos e as lendas tradicionais prolongaram as conotações do fabulário, o boi mostra-se, sobretudo, pacato e reservado, animal de criação, de estimação e de imolação; é um dos animais que evoca as transmigrações e as metamorfoses iniciáticas:

Fez um esforço. Embora ardesse numa chama de fúria, tentou refrear os nervos e medir com a calma possível a situação.

Estava, pois, encurralado, impedido de dar um passo, à espera de que lhe chegasse a vez! Um ser livre e natural, um toiro nado e criado na lezíria ribatejana, de gaiola como um passarinho, condenado a divertir a multidão! (Torga, 1990, 109)

Santo Isidoro (1983), na sequência de uma indistigável misoginia do pensamento cristão, refere criaturas híbridas, tais como as sereias, comparando-as com as Górgonas, meretrizes que petrificam apenas com o seu olhar e arrastam para o naufrágio os incautos mareantes. O Fisiólogo arménio refere a sua constituição híbrida: mulher até aos seios, pássaro, burro ou touro dos seios para baixo. A associação entre a mulher e a vaca fora uma constante nas sociedades clássicas e em particular na egípcia. Sakhmet é apenas um dos aspetos da tríade constituída por Hathor, a vaca celeste e Bastet, a gata.

A estranha tríade chegara a ser confundida com Ísis, deusa dos mil nomes (Lurker, 1994, p. 124-125). Enquanto vaca cósmica é a própria mãe do sol, na sua forma de gata, torna-se alegre e meiga, deusa do amor. Tal complexidade revelou-se uma perfeita metáfora da duplicidade da natureza erótica, criadora e destrutiva. Foi tal o seu sucesso que os gregos lhe chamaram Afrodite, a deusa da alegria, do prazer, do gozo e claro está: do amor.

Os bestiários medievais não se afastaram substancialmente do Fisiólogo, muito provavelmente concebido na Alexandria do século terceiro. Vive-se então o maior confronto da história religiosa do Império romano. Por um lado, um conjunto de correntes cristãs, oriundas dos pensamentos mais

espirituais e místicos de sincretismos religiosos, orientais, helénicos, e judaicos, impiedosamente perseguido por excluir qualquer outra doutrina religiosa e, em particular a imperial; e por outro um mitraísmo, oriundo das mais antigas crenças da humanidade, formadas nos grandes deltas da Mesopotâmia e, talvez, até da Índia, disseminado de oriente para ocidente, do Mediterrâneo até ao norte do Atlântico, celebrando a alegria de viver, da fertilidade e da fecundidade, promessa de fartura eterna, disciplinadamente organizado, quase à imagem da estrutura militar romana, fortemente hierarquizado, solidário, repleta de secretismos e gozando de uma especial simpatia imperial. Abundantes são os seus vestígios em Itália (Roma), na Gália (Bordéus) na península (Mérida).

António Maria Romeiro Carvalho publicou, em 2009, um artigo em que identifica algumas das sepulturas escavadas nas rochas como elementos essenciais da religião mitríaca, espaços onde os fiéis seriam aspergidos pelo sangue purificador do touro sacrificado, imagem da incomensurável generosidade do próprio deus.

Carvalho evoca uma versão da Bicha das sete cabeças e outra de Pedro e Pedrito (Coelho, 1995) para evocar a força mágica e divina da aspersão sanguínea e vivificante: *“As fadas disseram a Pedro que só com o sangue dele derramado sobre o Pedrito o podia tornar em homem (...)”* (Coelho, 1995, 232). Pessoalmente basta-me referir o inequívoco Mithraeum, achado junto de um templo protocristão, na península de Troia e precisamente datado do século terceiro depois de Cristo, com abundantes vestígios de sincretismo religioso (Jalhay, 1948).

A maior parte dos movimentos milenaristas recuperam alguns dos pensamentos cristãos mais primitivos, evidenciando antigos sincretismos orientais e ocidentais, mitríacos e platónicos, aspirando a uma religião cósmica, de verdade e de amor, de despojamento, de pobreza material, de vida comunitária e asceta, de solidariedade e de comunhão em Cristo e com Cristo.

Neles se inscrevem a devoção ao Espírito Santo, ainda hoje tão viva nas ilhas açorianas e, em particular, na ilha Terceira. Neles tomou forma o pensamento de São Francisco que doou a sua vida pela vida do próprio Espírito Santo, Imperador do Sagrado Império, da igualdade universal, simbolizado pela tábua redonda, pela cavalaria celestial, onde todos são iguais, no amor e na pobreza, até o mais estranho dos forasteiros:

“No seu amor da criação de Deus, Francisco encontrava a Natureza como sendo um todo unificado. Já perto da morte, quando

compôs o «Cântico do Irmão Sol», referiu-se aos corpos celestiais e aos quatro elementos clássicos (terra, ar, fogo e água); não mencionou quaisquer criaturas vivas, mas de certeza que as via como parte do todo da Criação. Nos seus outros escritos, Francisco só raramente mencionou a Criação e os animais. Apenas por duas vezes estabeleceu regras quanto ao uso de animais pelos seus seguidores: não deveriam montar cavalos e não deveriam ter animais de estimação. Estas regras só tinham a ver parcialmente com a pobreza; serviam, acima de tudo, para encorajar os frades a não tratar os animais como objetos, como posses. Além disso, no caso dos cavalos, a regra de não os montar afastava os frades do mundo orgulhoso da cavalaria. Mesmo quando a doença o obrigava a montar, Francisco preferia sempre um burro.”

(THOMPSON, 2012, 106-107)

O boi surge no nosso imaginário popular associado à vida, à água e a fecundidade. Vários são os contos que o apresentam com uma sede insaciável: *“A formiga e a neve”, “A romãzeira do macaco”, “O galo e o pinto”*. A sua dimensão sacrificial e de animal de estimação estão sublinhadas em *“O rabil”* e *“O conto do Fuso”*. *“O coelhinho branco”* revela a sua faceta medrosa.

Com a ajuda sobrenatural das fadas, no conto «A Enjeitada», os chifres das vacas servem para dobrar as meadas associando-as assim aos mistérios lunares e obviamente femininos que superintendem os fenómenos da vida e da morte.

“Pegar os touros pelos cornos” (5267) representa um ato de virilidade, de bravura, de coragem, de determinação, qualidades atribuídas ao touro e a quem o enfrenta.

As lendas açorianas encenam magnificamente a função do boi no contexto do culto do Divino, enquanto celebração dos mistérios da natureza e animal sacrificial que acalma a fome e reforça a coesão social. Evoquemos apenas algumas passagens das mais eloquentes¹³⁰:

5. A Pele do Boi do Divino Espírito Santo

(...)

Durante muitos anos, o mordomo guardou a pele do boi, mas nunca apareceu ninguém a reclamar o animal. Para a história ficou

¹³⁰ Todas as lendas referidas foram extraídas da obra de SANTOS, Avelino; SANTOS, Lúcia (2011)

apenas a ideia de uma bela festa dedicada ao Espírito Santo onde houve abundância de pão e vinho e sobretudo de carne.
pág. 273-274.

6. As Vacas do Divino Espírito Santo

Os habitantes da ilha Graciosa, à semelhança dos restantes açorianos, são muito devotos do Senhor Espírito Santo. Há muitos anos, era hábito os moradores da Praia engordarem o gado destinado à festa do Divino Espírito Santo no ilhéu. Os animais eram transportados a nado.

Certa vez, por altura das festas do Espírito Santo, quando o mordomo se preparava para ir ao ilhéu recolher o gado para a festa, o tempo alterou-se e levantou-se uma enorme ventania, com ondas muito altas. O mordomo, muito preocupado, olhava para o mar à procura de uma aberta que lhe possibilitasse ir buscar o gado para a matança. No entanto, as nuvens e o vento pareciam cada vez mais carregados e fortes.

Chegado ao dia da matança do gado, o mordomo não teve outro remédio senão comprar outros animais para poder honrar a sua promessa.

No sábado em que os animais deveriam ser mortos, e quando os homens se preparavam para matar o gado comprado na véspera, viram aparecer os animais que estavam no ilhéu. Chegada à hora do embarque, quando os animais se aperceberam que os homens não os iriam buscar, atiraram-se ao mar e, sozinhos, atravessaram o espaço que separa o ilhéu da ilha e vieram entregar-se para o fim a que tinham sido destinados.

(...)

pág. 306-307.

7. As Varas do Espírito Santo

(...)

Nas freguesias, muitas pessoas choravam e rezavam, impotentes, perante a violência da natureza. Outras desorientadas, corriam de um lado para o outro, numa tentativa vã de encontrarem abrigo. Foi então que um padre franciscano teve a ideia de fazer uma procissão para pedir a Deus que parasse a erupção. Na procissão transportaram uma coroa do Espírito Santo pertencente a um dos

Impérios da Vila das Velas. A coroa ia dentro de um quadro, formado por varas do Espírito Santo.

Seguiram pelas ruas da localidade de Santo António, cujas casas se encontravam no caminho do rio de lava. Aproximaram-se o mais possível da lava e, nesse local, atiraram as varas do Espírito Santo para o chão, para que formassem um traçado, e abrissem um caminho para o mar.

Fizeram-no com tanta fé que, pouco depois, o rio de lava começou a mudar a sua trajetória, encaminhando-se para o mar, seguindo assim o caminho traçado pelas varas do Espírito Santo.

pág. 312-313.

8. O Trigo Para o Espírito Santo

No princípio do século XX, foi escolhido para mordomo das festas do Espírito Santo na Vila das Velas, ilha de S. Jorge, um homem muito crente nos poderes do Espírito Santo. Assim, quando a coroa e o estandarte chegaram à sua casa, guardou-os com muito respeito e cuidado, fechando-os à chave numa arca. O homem guardou, igualmente, na arca uma saca com o trigo que seria utilizado para cozer o pão da festa.

O tempo foi passando e, em setembro, inexplicavelmente, a sua casa começou a arder. Rapidamente soou o alarme e todos os vizinhos se juntaram para ajudar a combater o fogo. No entanto, e apesar dos esforços, as labaredas iam subindo e consumindo toda a casa e o seu recheio.

O homem lamentava a sua pouca sorte e chorava sobretudo a perda da arca com a coroa, o estandarte e o trigo do Espírito Santo. Depois de o fogo estar apagado começaram a procurar nos escombros alguma coisa que pudessem aproveitar. Com grande espanto de todos, encontraram a arca intacta e sem nenhum sinal do fogo que tinha destruído a casa.

(...)

pág. 313-314.

9. Bibliografia

A. Barucq, A. Caquot, J. M. Durand, A. Lemaire, E. Masson SANTOS, J. Auneau (1992) – Escritos do Oriente Antigo e Fontes Bíblicas. São Paulo: Edições Paulinas.

ARAÚJO, António de Sousa; CARDOSO, José (1993) Histórias das Guerras da Ibéria de Apiano. Braga.

- BAZÁN, Pedro (2000) – Argantonio Rey de Tartessos. Fundación El Monte.
 BRAGA, Martinho de (1997) – Instrução Pastoral sobre Superstições Populares. Lisboa: Cosmos.
 BRUNET, Raymond (2003) – O Vinho e as Religiões. Lisboa: Hugin Editores.
 DUGOS, Carlos; SILVA, Carlos Sebastião e; ALMEIDA, José de (2012) – Rainha Santa, V Império e Espírito Santo. Apeiron.
 CAMPOS, Viriato – Sobre o descobrimento e povoamento dos Açores. Europress.
 CARVALHO, António Maria Romeiro (2009) – O Culto de Mitra e as Sepulturas escavadas na rocha. Açafa online n.º 2: WWW.altotejo.org
 CÍCERO, Marco Túlio (2004) – Da Natureza dos Deuses. Lisboa: Veja.
 COSTA, Antonieta (2010) – Açores. Festividades Populares e Mitos Arcaicos na nova Geografia Atlântica. Açores: Direção Regional da Cultura.
 FREITAS, Ana Maria (2003) – B. I. da Pomba. Lisboa: Apenas Livros.
 GUERRA, Amílcar (1995) Plínio-O-Velho e a Lusitânia. Arqueologia e História Antiga. Lisboa: Edições Colibri.
 GRANDA, Manuel J. (2000) – O Império do Espírito Santo. Na região de Tomar e dos Templários. Lisboa: Estar.
 MONTHERLANT, Henry de (1954) – Les bestiaires. France: Gallimard.
 MORAIS, Gabriela (2002) – O Santuário Alentejano de São Miguel da Mota. (Vestígios de Um Culto à Grande Deusa. Lisboa: Apenas Livros.
 PRIEUR, Jean (1988) – Les animaux sacrés dans l'antiquité. France: Quest Université.
 SAUNDERS, Nicholas J. (1995) – Les Animaux Et Le Sacré. Paris: Albin Michel.
 SANTOS, Avelino; SANTOS, Lúcia (2011) – As Lendas no Imaginário Açoriano. Açores: Edições BLU.
 PEREIRA, Luciano (1991) – Os Bestiários Franceses do século XII. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade de Lisboa.
 PEREIRA, Luciano (2007) – A Fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária. Lisboa: Profedições.

32. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, LISBOA, PORTUGAL

TEMA 1.1 LÍNGUA PORTUGUESA: DE COLONIAL, GLOBAL E TRANSCOLONIAL A LOCALIZADA, DO SUL, E COM CRESCENTE VALOR ECONÓMICO, LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, CES/FEUC: DOUTORANDO EM PÓS-COLONIALISMOS E CIDADANIA GLOBAL (CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

1. Introdução

A Língua Portuguesa espalhou-se pelo mundo, desde o século XV. O tempo passou e desse alastramento global que atingiu todos os pontos cardeais e colaterais do planeta, ela desempenhou por esses mundos

diversas funções, como diversas foram as específicas situações enfrentadas a que a sua inquestionável mobilidade se foi adaptando. Algumas das mais importantes funções que ao caso interessam foram a de língua franca, e língua imperial/colonial.

Relativamente ao português como língua franca, a noção transporta consigo a ideia de língua de contacto ou de relação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos, para a efetivação das relações comerciais e outros relacionamentos sócio-político-culturais. A Língua Portuguesa foi língua franca na África e Ásia nos séculos XV e XVI, até que essa função passou para outras línguas, nomeadamente o inglês.

Como língua imperial registo serem assim apelidadas as línguas dos povos que as transportaram e expandiram por grandes espaços, fruto dos eventos históricos e/ou socioeconómicos. Coincide, geralmente, com as línguas coloniais. O inglês é, hoje, língua franca, tendo sido imperial quando a Inglaterra iniciou e consolidou o império, sendo utilizada agora com conotações mais económicas e científicas.

A característica de língua colonial pode ser observada por diversos prismas. Tomo por charneira do colonialismo moderno as decisões imperialistas decorrentes da partilha de África na Conferência de Berlim (1884/5), sob a égide das grandes potências coloniais da época: Inglaterra e França.

Portugal, pequena potência colonial semiperiférica na Europa, não obstante ser a iniciadora da globalização, fora ultrapassado, há muito, no efetivo domínio colonial, pela Inglaterra, França, Países Baixos, bem como por outros países e o seu “colonialismo semiperiférico”, a quem alguns atribuem características de “colonialismo subalterno” (Santos, 2001: 24) teve de sofrer uma alteração metodológica radical, iniciando-se, a partir de então, a colonização efetiva das Colónias com a respetiva ocupação territorial, até ali praticamente ausente, que acarretava toda a implementação duma administração civil, militar e religiosa que, essa sim, reservou à Língua Portuguesa o primordial papel de ser o único suporte linguístico legalmente válido, com a exclusão de todas as múltiplas línguas locais, em todas as Colónias.

Tal facto, de ostensiva agressão colonial, tinha por detrás a ideologia imperialista que atravessou da Monarquia para a 1ª República e se reforçou, num fechamento cultural ainda e muito mais opressivo, durante o Estado Novo (1933-1974). A Língua Portuguesa era, agora, um dos mais importantes instrumentos ideológicos de dominação de toda a administração colonial. Os povos e as múltiplas etnias de todas as Colónias eram impedidos de falar e de se escolarizar nas suas línguas, facto que